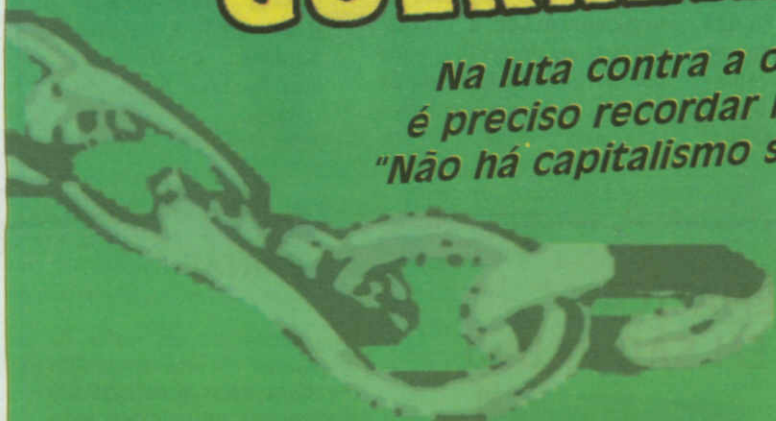
OPINIÃO SOCIALISTA

O JORNAL DO PSTU
ANO X - EDIÇÃO 282
R$ 2 - DE 23 A 29/11/2006

A LIBERDADE DO NEGRO É UMA LIBERDADE GUERREIRA

Na luta contra a opressão, é preciso recordar Malcolm X: "Não há capitalismo sem racismo"

AJUSTE FISCAL E SUPEREXPLORAÇÃO ESTÃO POR TRÁS DA CRISE AÉREA

PÁGINA 5

REBELIÃO EM OAXACA E CRISE INSTITUCIONAL SACODEM O MÉXICO

PÁGINA 12

CULTURA: FILME TRAZ NOVO OLHAR SOBRE A DITADURA

PÁGINA 9

PÁGINA DOIS

■ **TRADIÇÃO** – Luiz Gushiken negou mais uma vez a existência do mensalão. Disse que "havia apenas uma esquema tradicional de dívidas de campanha".

■ **CARONA** – Depois de pegar uma carona no Aerolula, o líder do PSDB no Senado, Arthur Virgílio, declarou que Lula "está mais maduro agora do que quando venceu em 2002".

CHORA GAROTINHO

O ex-governador do Rio de Janeiro Anthony Garotinho resolveu falar sobre o fracasso da sua cômica greve de fome, realizada na metade desse ano. "A greve de fome foi realmente um gesto extremo. Reconheço que as pessoas não estavam preparadas para entendê-lo", afirmou. Depois da derrota que sofreu nas eleições, só faltou Garotinho chorar.

PÉROLA

"Não houve nada"

WALDIR PIRES, ministro da Defesa, insistindo que não havia crise no atraso dos vôos da semana passada. (O Globo, 19/11)

CHARGE / GILMAR

REAJUSTE

O Congresso Nacional vai votar uma lei para dobrar o salário... dos deputados e senadores. Os presidentes da Câmara e do Senado estão articulando discretamente a aprovação de um aumento dos salários dos parlamentares até 22 de dezembro, quando o Legislativo entrará em recesso. É uma manobra para anular o impacto no Orçamento da Casa na opinião pública.

REAJUSTE II

São Paulo abre a temporada de reajustes nas tarifas de ônibus. No dia 25, a passagem pula de R$ 2 para R$ 2,30. As outras cidades vão atrás...

COLAPSO

O Ibama, encarregado da política de preservação ambiental do país, está em colapso financeiro. O instituto devia, até setembro, R$ 26,8 milhões a fornecedores. As dívidas poderão chegar a R$ 63 milhões até dezembro, se as contas não forem pagas, de acordo com o Correio Braziliense. A situação provocou crises em unidades de preservação ambiental como o Parque Nacional da Serra dos Órgãos, onde há uma greve dos funcionários, que estão sem receber salários. O Ministério do Meio Ambiente é um dos mais atingidos com os cortes orçamentários do governo.

QUEM PAGA A BANDA...

Um levantamento da Folha de S. Paulo mostrou a promiscuidade entre empresas e deputados eleitos. Centenas de parlamentares captaram recursos de setores atendidos por projetos. O deputado Alberto Lupion (PFL-PR), presidente da Comissão de Agricultura, foi relator de um projeto de interesse do lobby ruralista, para permitir o uso de títulos de dívida agrária no pagamento de dívidas bancárias por produtores rurais. O deputado recebeu pelos "serviços prestados" R$ 625 mil de empresas ligadas ao agronegócio. O que representa 80% de tudo o que ele arrecadou na campanha.

...ESCOLHE A MÚSICA !

Mas teve deputado que reclamou por receber um valor "menor" do que o esperado, como Alberto Fraga (PFL-DF), que recebeu R$ 282,5 mil das empresas de armamento CBC e Taurus. "Paguei um ônus tão grande por ser líder da bancada da bala.(...). Eu mesmo esperava mais", disse.

ERRATA

Na edição nº 181 do Opinião Socialista houve um erro no artigo "Mobilização cresce em Oaxaca", da página 3. O autor não é Gustavo Sanchez, de Oaxaca, mas Gustavo Sixel, da redação.

LIVRO DE CONTOS COM TEMÁTICA LÉSBICA SERÁ LANÇADO EM SÃO PAULO E NO RIO DE JANEIRO

DUAS MILITANTES DO PSTU ESTÃO ENTRE AS AUTORAS

O livro "Elas Contam", uma coletânea de contos com temática lésbica, chegará às livrarias nesta sexta, dia 25. O livro conta com textos de apresentação de Vange Leonel e da escritora Lúcia Facco e ilustrações de Lara Lunna.

Diz Lúcia Facco, uma das organizadoras: ``Tivemos a preocupação em trazer à luz não textos que seriam escolhidos apenas por terem sido escritos por lésbicas, com temática lésbica. (...) Nem tampouco são meros panfletos que dizem `como é bom ser lésbica`. Nada disso. Desejamos mostrar que eles podem ser muito mais do que isso. Podem ser textos saborosos, bem feitos, com excelente qualidade literária.``

São 15 autoras, entre elas as militantes do PSTU Helena Fontana (Mariúcha) e Carol Rodrigues.

ELAS CONTAM
Editora Corações e Mentes
160 páginas - R$ 26.
Pedidos: *www.elascontam.com.br*
www.editorasundermann.com.br.

LANÇAMENTOS

SÃO PAULO
Sexta, 25/11, 20h
Arsenal do Livro
(Rua Matias Aires, 78, Consolação).

RIO DE JANEIRO
Sábado, 9/12, 18h
Livraria do Museu da República
(Rua do Catete).

CARTAS

"Agradecemos em nome da população do interior da Alta Paulista pelas preciosas informações veiculadas pelo boletim eletrônico do PSTU acerca das atrocidades cometidas contra o povo de Oaxaca, no México.
Aproveitamos o ensejo para expressarmos nossa indignação e ao mesmo tempo declararmos nossa mais sincera solidariedade ao povo mexicano, sobretudo de Oaxaca."

LUANA M. DE ANDRADE E JOSÉ HÉLIO DA SILVA, de Parapuã (SP), por e-mail

"É triste ver o povo se vender por miseráveis programas sociais que ocultam por um instante a injustiça sofrida. É preciso que a classe trabalhadora tome consciência de sua importância e que cresça em torno de um movimento autêntico que a represente. A burguesia continua mais rica do que os ricos dos outros países. É preciso dar um basta."

PAULO COSTA, de Juiz de Fora (MG), por e-mail

EXPEDIENTE

OPINIÃO SOCIALISTA
é uma publicação semanal do Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado
CNPJ 73.282.907/0001-64 - Atividade principal 91.92-8-00

CORRESPONDÊNCIA
Rua dos Caciques, 265 - Saúde - São Paulo - SP - CEP 04145-000
Fax: (11) 5581.5776 e-mail: *opiniao@pstu.org.br*

CONSELHO EDITORIAL Bernardo Cerdeira, Cyro Garcia, Concha Menezes, Dirceu Travesso, João Ricardo Soares, Joaquim Magalhães, José Maria de Almeida, Luiz Carlos Prates "Mancha", Nando Poeta, Paulo Aguena e Valério Arcary **EDITOR** Eduardo Almeida Neto **JORNALISTA RESPONSÁVEL** Mariúcha Fontana (MTb14555) **REDAÇÃO** Diego Cruz, Jeferson Choma, Marisa Carvalho, Wilson H. da Silva, Yara Fernandes **DIAGRAMAÇÃO** Carol Rodrigues e Gustavo Sixel **REVISÃO** Marisa Carvalho **IMPRESSÃO** Gráfica Lance (11) 3856-1356 **ASSINATURAS** (11) 5581-5576 *assinaturas@pstu.org.br - www.pstu.org.br/assinaturas*

ENDEREÇOS

SEDE NACIONAL

Rua dos Caciques, 265
Saúde - São Paulo (SP)
CEP 04145-000 - (11) 5581-5776

www.pstu.org.br
www.litci.org

pstu@pstu.org.br
opiniao@pstu.org.br
assinaturas@pstu.org.br
sindical@pstu.org.br
juventude@pstu.org.br
lutamulher@pstu.org.br
gayslesb@pstu.org.br
racaeclasse@pstu.org.br
livraria@pstu.org.br
internacional@pstu.org.br

ALAGOAS

MACEIÓ - (82)9903.1709
maceio@pstu.org.br

AMAPÁ

MACAPÁ - Av. Pe. Júlio, 374 - Sala 013 - Centro (altos Bazar Brasil)
(96) 3224.3499
macapa@pstu.org.br

AMAZONAS

MANAUS - R. Luiz Antony, 823, Centro (92) 234-7093
manaus@pstu.org.br

BAHIA

SALVADOR - Rua Fonte do Gravatá, 36, Nazaré (71) 3321-5157
salvador@pstu.org.br
ALAGOINHAS - R. 13 de Maio, 42 Centro
IPIAÚ - Avenida Lauro de Freitas, 282, Centro
VITÓRIA DA CONQUISTA
Avenida Caetité, 1831 - Bairro Brasil
www.pstu.org.br/conquista

CEARÁ

FORTALEZA *fortaleza@pstu.org.br*
CENTRO -Av. Carapinima, 1700, Benfica (82) 254-4727
www.pstufortaleza.org
MARACANAÚ -Rua 1, 229 - Conjunto Jereissati 1
JUAZEIRO DO NORTE - Rua Padre Cícero, 985, Centro

DISTRITO FEDERAL

BRASÍLIA - Setor de Diversões Sul - CONIC - Edifício Venâncio V, sala 506
Asa Sul - Brasília - DF
brasilia@pstu.org.br

ESPÍRITO SANTO

VITÓRIA - *vitoria@pstu.org.br*

GOIÁS

FORMOSA - Av. Valeriano de Castro, nº 231, Centro - (61) 631-7368
GOIÂNIA - R. 70, 715, 1º and./sl. 4 (Esquina com Av. Independência)
(62) 3224-0616
goiania@pstu.org.br

MARANHÃO

SÃO LUÍS - (98) 3245-8996 / 3258-0550
saoluis@pstu.org.br

MATO GROSSO

CUIABÁ - Av. Couto Magalhães, 165, Jd. Leblon (65) 9956-2942

MATO GROSSO DO SUL

CAMPO GRANDE - Av. América, 921
Vila Planalto (67) 384-0144
campogrande@pstu.org.br

MINAS GERAIS

BELO HORIZONTE *bh@pstu.org.br*
CENTRO - Rua da Bahia, 504/ 603 - Centro (31) 3201-0736
BETIM - R. Inconfidência, sl 205 Centro
CONTAGEM - Rua França, 532/202 - Eldorado - (31) 3352-8724
JUIZ DE FORA juizdefora@pstu.org.br
UBERABA R. Tristão de Castro, 127 - (34) 3312-5629
uberaba@pstu.org.br
UBERLÂNDIA - R. Ipiranga, 62 - Cazeca

PARÁ

BELÉM *belem@pstu.org.br*
Tv. do Vileta, 2519 - (91) 3226-3377
ICOARACI - R. Pe. Júlio Maria, 403/1
(91) 227-8869 / 247-7058
CAMETÁ - Tv. Maxparijós, 1195, B. Novo
RONDON DO PARÁ - R. Ayrton Senna, 147 (94) 326-3004
SÃO FRANCISCO DO PARÁ - Rod. PA-320, s/nº (ao lado da Câmara) (91) 96172944

PARAÍBA

JOÃO PESSOA - R. Almeida Barreto, 391, 1º andar - Centro (83) 241-2368 -
joaopessoa@pstu.org.br

PARANÁ

CURITIBA - R. Alfredo Buffren, 29 sala 4

PERNAMBUCO

RECIFE - Rua Leão Coroado, 20 - Boa Vista - (81) 3222-2549
www.pstu.org.br/pernambuco

PIAUÍ

TERESINA - Rua Quintino Bocaiúva, 778

RIO DE JANEIRO

RIO DE JANEIRO *rio@pstu.org.br*
(21) 2232-9458
LAPA - Rua da Lapa, 180 - sobreloja
DUQUE DE CAXIAS - Rua das Pedras, 66/01, Centro
NITERÓI - Av. Visconde do Rio Branco, 633 / 308 - Centro *niteroi@pstu.org.br*
NOVA FRIBURGO - Rua Guarani, 62 - Cordueira (24) 2533-3522
NOVA IGUAÇU - Rua Cel Carlos de Matos, 45 - Centro *novaiguacu@pstu.org.br*
SÃO GONÇALO - Rua Ary Parreiras, 2411 sala 102 - Paraíso (próximo a FFP/UERJ)
SUL FLUMINENSE
sulfluminense@pstu.org.br
BARRA MANSA - Rua Dr Abelardo de Oliveira, 244 Centro (24) 3322-0112
VALENÇA - Pça Visc.do Rio Preto, 362/402, Centro (24) 3352-2312
VOLTA REDONDA - Av. Paulo de Frontim, 128- sala 301 - Bairro Aterrado
NORTE FLUMINENSE
nortefluminense@pstu.org.br

RIO GRANDE DO NORTE

NATAL
CIDADE ALTA - R. Dr. Heitor Carrilho, 70 (84) 201-1558
ZONA NORTE - Rua Campo Maior, 16 Centro Comercial do Panatis II

RIO GRANDE DO SUL

PORTO ALEGRE *portoalegre@pstu.org.br*
CENTRO - R. General Portinho, 243 (51) 3024-3486 / 3024-3409
ALVORADA - Rua Jovelino de Souza, 233, Parada 46 (51) 9284-8807
BAGÉ - (53) 8402-6689 / 3241-7718
PASSO FUNDO - (54) 9993-7180
RIO GRANDE - (53) 9977-0097
SANTA MARIA - (55) 84061675 / 3223-3807, *santamaria@pstu.org.br*

SANTA CATARINA

FLORIANÓPOLIS - Rua Nestor Passos, 104, Centro (48) 3225-6831
floripa@pstu.org.br
CRICIÚMA - Rua Pasqual Meller, 299, Bairro Universitário, (48) 9102-4696
agapstu@yahoo.com.br

SÃO PAULO

SÃO PAULO *saopaulo@pstu.org.br*
www.pstusp.org.br
CENTRO - R. Florêncio de Abreu, 248 - São Bento (11) 3313-5604
ZONA NORTE -Rua Rodolfo Bardela, 183 V. Brasilândia (11) 3925-8696
ZONA LESTE - R. Eduardo Prim Pedroso de Melo, 18 (próximo à Pça. do Forró) - São Miguel
ZONA SUL Santo Amaro – Av. João Dias, 1.500 - piso superior
BAURU - Rua Antonio Alves nº6-62 - Centro - (14) 227-0215
bauru@pstu.org.br
CAMPINAS - R. Marechal Deodoro, 786 (19) 3235-2867 - *campinas@pstu.org.br*
FRANCO DA ROCHA - R. Coronel Domingos Ortiz, 423 - Centro
francodarocha@pstu.org.br
GUARULHOS - *guarulhos@pstu.org.br*
Av. Esperança, 705 casa 2 Vila Progresso (11) 6441-0253
Av. João Veloso, 200 - Cumbica (11) 3436-8887
JACAREÍ - R. Luiz Simon,386 - Centro (12) 3953-6122
MOGI DAS CRUZES - Rua Engenheiro Gualberto, 53 - Centro - (11) 4796-8630
PRES. PRUDENTE - R. Dr. Gurgel, 1555 - Vila Sta. Helena - (18) 3221-2032
RIBEIRÃO PRETO - Rua Monsenhor Siqueira, 614 - Campos Eliseos (16) 3637.7242 *ribeiraopreto@pstu.org.br*
SANTO ANDRÉ -Rua Oliveira Lima, 279 sala 5 - 2º andar
SÃO BERNARDO DO CAMPO - R. Mal. Deodoro, 2261 - Centro (11) 4339.7186
saobernardo@pstu.org.br
SÃO JOSÉ DOS CAMPOS
sjc@pstu.org.br
CENTRO - Rua Sebastião Humel, 759 (12) 3941.2845
ZONA SUL - Rua Brumado, 169 - Vale do Sol
SOROCABA - Rua Prof. Maria de Almeida, 498 - Vl. Carvalho (15) 9129.7865 *sorocaba@pstu.org.br*
SUZANO *suzano@pstu.org.br*
TAUBATÉ - Rua D. Chiquinha de Mattos, 142/ sala 113 - Centro

SERGIPE

ARACAJU - Av. Gasoduto / Francisco José da Fonseca, 1538-b
Cjto. Orlando Dantas (79) 3251-3530
aracaju@pstu.org.br

EDITORIAL

LUTAR CONTRA O RACISMO É LUTAR CONTRA O GOVERNO

O fim de ano é em geral um momento de reflexão para as pessoas. Muitos fazem o balanço do ano que passou e planos para o ano seguinte. Nós queremos convidar os trabalhadores e os jovens a fazer o balanço do governo Lula. E a pensar como que será o próximo mandato.

Nós respeitamos os trabalhadores e jovens que seguem acreditando no governo do PT. Essa é a posição da maioria dos trabalhadores do Brasil, que ainda acredita em Lula, por combinar o prestígio do dirigente sindical do passado com as pequenas concessões do crescimento econômico (Bolsa-Família, reajuste do salário mínimo, etc).

Mas é bom que neste fim de ano os trabalhadores reflitam sobre o que será o próximo governo. A maneira mais fácil de perder uma luta é se confundir sobre quem são seus aliados e quem são os inimigos. Lula é o inimigo, mas os trabalhadores só vão entender isso quando forem atacados.

Dois fatos poderiam servir de lição para quem ainda tem expectativas no governo. O primeiro é a mobilização dos controladores de vôo. A reação de Lula foi em tudo semelhante a um governo do PSDB. Militarizou o conflito, não atendeu a nenhuma das reivindicações dos controladores e a crise se mantém até o momento. Segue a insegurança nos vôos, continuam as más condições de trabalho e o baixo salário dos controladores.

Não é possível atacar a opressão sobre os negros e apoiar o governo que vai fazer a reforma trabalhista

O segundo é a privatização das estradas. Desmentindo sua campanha eleitoral no segundo turno, Lula vai privatizar as estradas federais, em mais um negócio da China para os grandes grupos empresariais, e é concreta a ameaça de pedágios caríssimos em todas as estradas.

Quem age assim com os controladores de vôo pode reagir da mesma forma a qualquer greve de trabalhadores. Quem privatiza assim, depois do debate eleitoral do segundo turno, vai trair as esperanças do povo, mais uma vez.

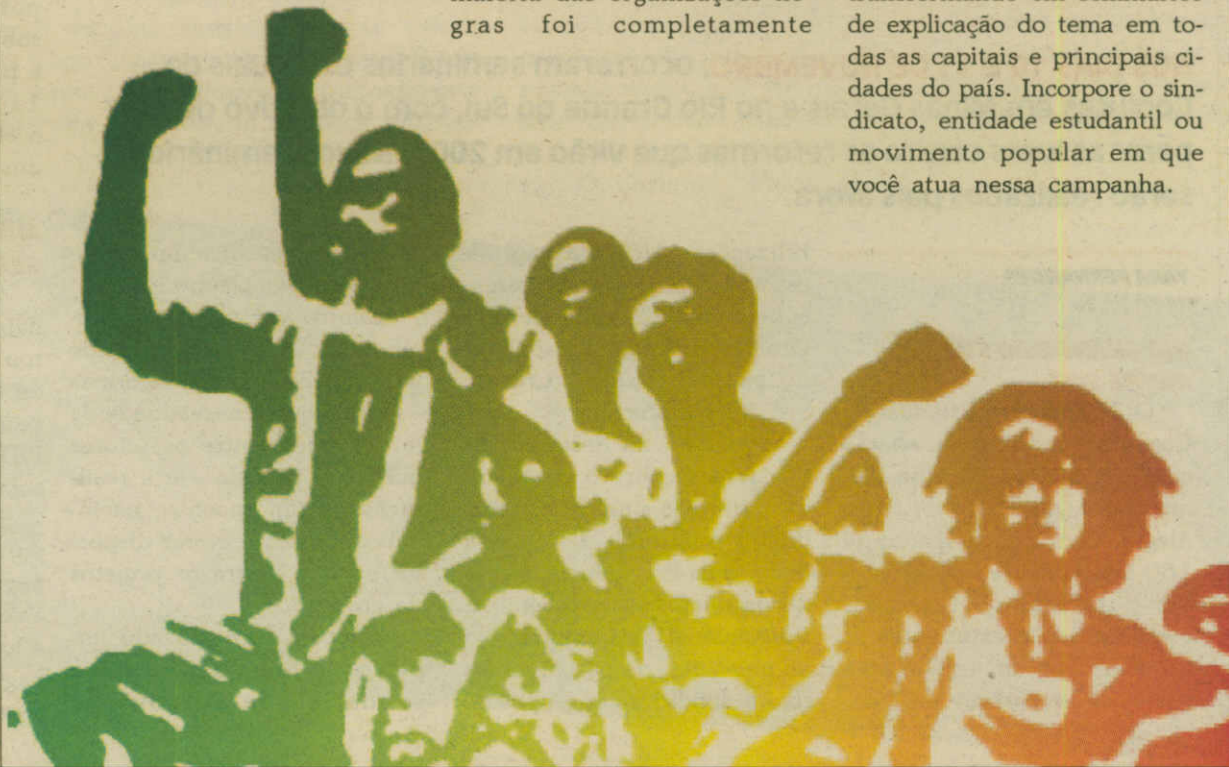
Existe um outro motivo para que os trabalhadores desconfiem desse governo. Foi o governo do PT que acabou com a independência da CUT, da UNE e do MST. Essas entidades deixaram de dirigir o movimento de massas para serem praticamente agentes do governo nos movimentos sociais.

Essa constatação também se aplica ao movimento negro. A maioria das organizações negras foi completamente cooptada pelo governo. O Dia Nacional da Consciência Negra foi transformado em uma série de atos a favor do governo Lula, como se a luta contra a opressão não passasse pela luta contra o governo.

Zumbi dos Palmares, símbolo do movimento negro, lutou contra a opressão racial, e para isso combateu o sistema colonial que era sua base. Para lutar contra o racismo hoje, é necessário acabar com o capitalismo e lutar contra o governo Lula, seu maior sustentáculo.

Não é possível atacar a opressão sobre os negros e apoiar o governo que vai fazer a reforma trabalhista. Essa reforma vai atacar os trabalhadores como um todo, mas particularmente os mais explorados, entre os quais se encontram os negros.

É chegada a hora de refletir sobre o que significou o primeiro mandato de Lula, porque é necessário se preparar para uma luta muito mais dura no segundo. Com a montanha de votos recebida no segundo turno das eleições, Lula sente-se com força para tentar aplicar um programa duro de reformas já em 2007. Será a hora de acabar com as ilusões e medir forças.

Para isso é necessário preparar a mobilização. A Conlutas lançou uma grande campanha contra as reformas neoliberais de Lula que está se transformando em seminários de explicação do tema em todas as capitais e principais cidades do país. Incorpore o sindicato, entidade estudantil ou movimento popular em que você atua nessa campanha.

COMEÇAM AS PRIVATIZAÇÕES DO SEGUNDO MANDATO DE LULA

EDUARDO ALMEIDA,
da redação

Durante a campanha eleitoral, Lula atacou Geraldo Alckmin e o PSDB pelas privatizações do governo de Fernando Henrique Cardoso. A esquerda petista e as direções dos movimentos que apóiam o governo (CUT, UNE e MST) utilizaram esse "giro à esquerda" para mostrar como o segundo mandato de Lula poderia ser "disputado". Em 2007, seria possível ter um governo mais compromissado com os anseios populares.

Bastaram os primeiros movimentos do presidente de preparação do próximo governo para acabar com as ilusões. Durante as negociações para montar seu novo ministério, Lula já deixou claro para a direção do PT que o partido terá uma participação menor no segundo mandato, para dar mais espaço ao PMDB e a outros aliados.

CAI A MÁSCARA

Mesmo a farsa da campanha contra as privatizações desmoronou. As estradas federais serão vendidas em um negócio que vai movimentar cerca de R$ 20 bilhões. Seguindo o exemplo de FHC (que fez a concessão da rodovia Dutra, em 1995), Lula vai privatizar a Régis Bittencourt (São Paulo – Curitiba), a Fernão Dias (São Paulo – Belo Horizonte) e outras rodovias, em um total de 2.601 quilômetros.

O edital deve ser publicado em dezembro deste ano, e o leilão deve ocorrer em março. São esperadas no evento grandes empresas brasileiras (incluindo a BRVias, dona da Gol), além de grupos espanhóis, americanos, chilenos, mexicanos, italianos, argentinos e portugueses.

Trata-se da mesma lógica que tem guiado as privatizações. O governo parou de investir nas estradas com o objetivo que houvesse um clamor para "se fazer alguma coisa". E depois privatiza, "para que as empresas possam investir" nas estradas.

Algo semelhante ocorreu com as telefônicas, siderúrgicas e empresas de energia elétrica estatais. O governo do PSDB, conscientemente, deixou de investir por anos nessas empresas, além de reduzir artificialmente os preços de seus produtos. Jânio de Freitas, jornalista da Folha de S. Paulo, escreveu sobre o tema: *"É claro que a expansão da telefonia é imensa: as tarifas foram aumentadas entre 100% e 200% em poucos meses depois da privatização, além dos financiamentos privilegiados do BNDES. O dinheiro para investimento ficou fácil e barato. O quilo do aço da Companhia Siderúrgica Nacional, ao tempo de Maílson da Nóbrega controlando a economia, custava o mesmo que um molho de salsa ou cheiro verde".*

Em vez de investimentos, as empresas que compram as estatais querem lucros rápidos. Conseguem isso com todas as facilidades. Primeiro obtêm empréstimos do próprio governo que, milagrosamente, depois da privatização, pode investir nas estradas.

Depois essas empresas devem impor pedágios caríssimos. Um estudo feito pela Consultoria Tectran demonstrou que o pedágio na Nova Dutra aumentou 38% acima da inflação em 11 anos de privatização. No mesmo período, as estradas privatizadas em São Paulo aumentaram 214% acima da inflação.

Lula repete o mesmo figurino de FHC, demonstrando que só usou o tema das privatizações como demagogia eleitoral. O governo petista vai privatizar as estradas e trair as promessas de campanha.

REFORMAS

FOI DADA A LARGADA PARA OS SEMINÁRIOS ESTADUAIS

NOS DIAS 10 E 11 DE NOVEMBRO, ocorreram seminários estaduais da Conlutas em Minas Gerais e no Rio Grande do Sul, com o objetivo de preparar as lutas contra as reformas que virão em 2007. Novos seminários serão realizados país afora.

YARA FERNANDES,
da redação

RIO GRANDE DO SUL REÚNE 200

O 3° Encontro Estadual da Conlutas gaúcho foi aberto com um ato na Esquina Democrática, no centro de Porto Alegre. Com a participação de 180 lutadores – entre servidores públicos, professores, comerciários e estudantes –, o evento foi um importante passo na preparação das mobilizações. Além da capital, estiveram presentes representantes das cidades de Rio Grande, Pelotas, Passo Fundo, Santa Cruz, Santa Cruz do Sul, Bagé e Erechim.

O dia 10 foi destinado às discussões sobre o conteúdo das reformas sindical e trabalhista, tributária e da nova reforma da Previdência, reproduzindo, em parte, o Seminário Nacional da Conlutas. No segundo dia, os participantes foram divididos em grupos de discussão, que fizeram sugestões para um plano de lutas.

Dentre as propostas encaminhadas estão a confecção de uma cartilha sobre as reformas – ressaltando a necessidade da luta unitária entre os setores público e privado – e a realização de um encontro nacional com outros setores dispostos a lutar contra os projetos do governo.

Também foi aprovado um plano de lutas que inclui a solidariedade ao povo de Oaxaca, no México, e a formação de comitês unitários contra as reformas.

Embora não tenha sido possível garantir um painel sobre a reforma universitária, a plenária da Conlute, no dia 11 à tarde, cumpriu em parte o objetivo de organizar a luta dos estudantes.

MINAS PREPARA SEMINÁRIOS REGIONAIS

O seminário estadual mineiro ocorreu no dia 10 e contou com a presença de cerca de 80 ativistas. No ponto de conjuntura, a militante do **PSTU** Vanessa Portugal falou sobre as reformas.

Houve também um painel somente para debater a Seguridade Social no Brasil e a reforma da Previdência, com a exposição de Marcos Barbonaglia, vice-presidente da Federação Nacional dos Auditores da Previdência (Fenafisp).

Na seqüência, o mexicano Antonio Vital fez uma exposição sobre o panorama internacional da seguridade, destacando que os governos neoliberais têm o mesmo objetivo de privatizar o setor.

"A iniciativa foi muito importante para preparar as lutas do ano que vem. Haverá inclusive seminários regionais, para já começar o ano com a turma preparada para enfrentar as reformas", disse Boaventura Mendes, presidente do Sindicato dos Empregados em Estabelecimentos de Serviços de Saúde de Belo Horizonte (Sindeess).

Para continuar o processo de estruturação da Conlutas, foi aprovada a reprodução do seminário nas regiões, a começar pelo Triângulo Mineiro e pelo sul do estado.

PÂNICO NO AR

CAOS NOS AEROPORTOS é conseqüência da falta de investimentos e contratação de pessoas

***JEFERSON CHOMA**, da redação*

Novamente os aeroportos brasileiros ficaram repletos de passageiros impedidos de embarcar em seus vôos em função de um novo caos aéreo. A grande mídia concedeu um espaço enorme para a crise, algo que não faz com outras vividas pelos trabalhadores cotidianamente país afora (*ver box*).

O estopim para a crise foi a tragédia da Gol, quando 154 pessoas morreram. Nos últimos dias, foram levadas à imprensa fortes suspeitas da existência de um "buraco negro" na região onde houve a tragédia. Diversas tentativas de contato entre o comando aéreo e o Legacy foram realizadas sem sucesso momentos antes do acidente. Como há o risco de os controladores de vôos serem apontados como co-responsáveis pelo maior desastre aéreo do país, a categoria resolveu expor as falhas do sistema.

Dessa forma, os controladores negaram-se a controlar simultaneamente mais do que 14 aeronaves, número que é indicado pela própria legislação do país e adotado como um padrão internacional de segurança. Ou seja, a crise existe porque os controladores aéreos querem trabalhar com um critério mínimo de segurança para os passageiros. Mesmo assim, a imprensa e o governo federal tentam jogar a população contra eles.

A nova crise estourou quando 42% dos vôos atrasaram no último dia 13, segundo dados pouco confiáveis do governo. No entanto, o governo e a Aeronáutica avaliaram que os atrasos estavam dentro da normalidade. Esse também foi o discurso do ministro da Defesa, Waldir Pires. "*Não houve nada. Quantas vezes temos atrasos de duas, três horas?*", afirmou. Mas o caos aéreo que o ministro tanto negou quase o atingiu horas depois. De acordo com uma reportagem da revista IstoÉ, o jatinho ocupado pelo ministro e por militares responsáveis pela segurança do espaço aéreo do país, que voava rumo à Brasília, entrou em rota de colisão com um Airbus da TAM que estava indo para São Paulo. Quando o jato estava a 180 km da capital federal, os controladores de vôo perceberam o erro e a possibilidade de choque entre as aeronaves.

SOLUÇÃO MILITAR

A maioria dos cerca de 2.122 controladores é composta por militares, grande parte de sargentos, e está submetida a fortes regulamentos. Dessa forma, são impedidos de se organizar, realizar assembléias e expor as suas reivindicações. Segundo o rígido regulamento das Forças Armadas, três ou mais militares reunidos sem autorização superior é classificado como um motim. Mesmo sob ameaças de punição, a categoria resolveu enfrentar seus superiores e expor suas reivindicações: contratação de mais profissionais, regulamentação da carreira, criação de gratificação e desmilitarização do setor.

Na crise iniciada no dia 27 de outubro, os controladores de vôo interromperam a operação padrão mediante a promessa feita pelo governo do atendimento de suas reivindicações. Entretanto, além de nenhum concurso ou plano de carreira ser anunciado, o governo resolveu cortar 8% da verba do programa Proteção ao Vôo e Segurança do Tráfego Aéreo no Orçamento de 2007. A renda destinada é 22,6% inferior ao valor sugerido pelo Comando da Aeronáutica como o mínimo aceitável.

Em uma assembléia clandestina, os controladores resolveram iniciar uma nova operação padrão, que atingiu fortemente o centro de controle de Brasília, responsável por 80% de todo o tráfego aéreo nacional. Como resposta, o governo Lula endureceu e autorizou o Comando da Aeronáutica a resolver os problemas "militarmente", ou seja, deu o sinal verde para a prisão dos profissionais nos quartéis em nome da "disciplina e da ordem". Temendo uma radicalização da situação, o aquartelamento foi suspenso.

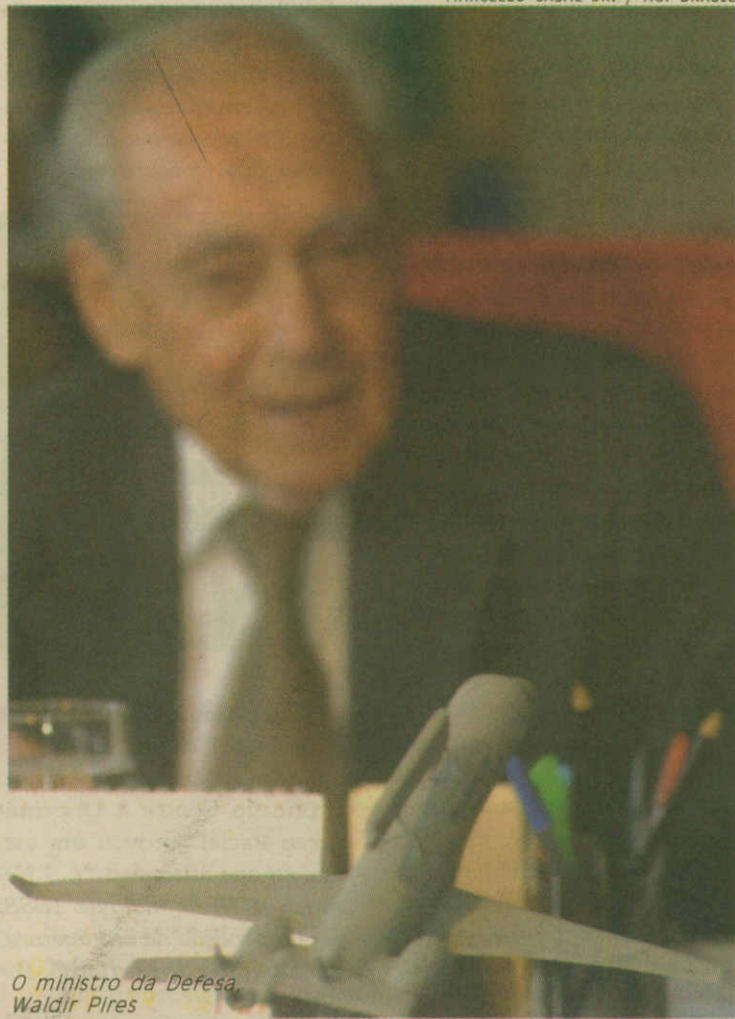
NEOLIBERALISMO NO AR

Os episódios produzidos pelo caos aéreo brasileiro têm como raiz os constantes cortes de verbas para o setor – produto da política de ajuste fiscal, mantida pelo governo Lula - e a conseqüente superexploração dos trabalhadores controladores de vôo.

Há 15 anos, o número de controladores no Brasil era de 3.200. Há 30 anos nenhuma seleção militar é realizada para substituir aqueles que se aposentaram ou faleceram. E o governo não convoca os aprovados no último concurso da Infraero. O resultado é que atualmente existem pouco mais de 2,2 mil controladores, enquanto o tráfego aéreo no país duplicou nesse período. Na Espanha, onde o tráfego de aeronaves é bem menor, existem cerca de 3,1 controladores.

Como se não bastasse, a categoria recebe um salário extremamente baixo, em relação ao grau de especialização da função que ocupa. A maioria recebe em torno de R$ 2 mil. Aqueles que completam mais de 30 anos de serviço recebem no máximo R$ 3,2 mil.

Como produto do ajuste fiscal, o Comando da Aeronáutica gastou apenas R$ 291 milhões até novembro - 54% do orçado pelo governo federal no início do ano.

MARCELLO CASAL JR. / AG. BRASIL

O ministro da Defesa, Waldir Pires

A crise da aviação vai continuar e é apenas um dos gargalos da falta de investimento em infra-estrutura no país. Com a manutenção do plano econômico neoliberal, seus superávits primários e pagamentos pontuais das dívidas, certamente novas bolhas vão estourar além da aviação, com apagões no setor elétrico, entre outros.

O 'APAGÃO' EM TERRA

MÍDIA ignora caos em ônibus, trens e metrô

A imprensa concedeu um enorme espaço ao apagão aéreo brasileiro. O mesmo não se dá com os vários "apagões" em terra dois quais são vítimas milhares de trabalhadores brasileiros. Estamos falando do caos do transporte público brasileiro. Além de milhares de pessoas enfrentarem superlotações pela falta de ônibus, trens e metrôs, cerca de 54 milhões de pessoas estão cerceadas do direito de ir e vir, por não terem condições de pagar as tarifas de transporte. Os mais afetados são desempregados, trabalhadores de baixa renda e estudantes.

O transporte público é dominado por uma máfia de empresários, com a conivência corrupta dos governos. Conforme levantamento feito em oito capitais brasileiras pelo jornal Folha de S. Paulo, *entre 1995 e 2002 as passagens aumentaram de 28,7% a 62,2% acima da inflação do INPC (Índice Nacional de Preços ao Consumidor).*

Em São Paulo, a passagem de ônibus no período subiu 240%, de R$ 0,50 para R$ 1,70, quando houve o aumento de 20%, em janeiro de 2003. Agora, passadas as eleições, a passagem será reajustada para R$ 2,30. Isso está levando muitos trabalhadores de baixa renda a dormirem nas ruas ou em albergues durante a semana por não terem dinheiro para voltar para casa todos os dias.

A ampla cobertura dada pela grande mídia é uma opção de classe. A grande maioria das pessoas que viajam de avião no Brasil pertence às classes médias ou à burguesia, devido ao alto valor das passagens aéreas. Por isso o grande espaço dado pela mídia ao problema. Enquanto isso, o caos em terra segue nos transportes, na saúde, na educação...

CONSCIÊNCIA DE RAÇA NA LUTA DE CLASSES

WILSON H. DA SILVA, da Secretaria Nacional de Negros e Negras do PSTU

A batalha pela transformação do 20 de novembro em ***Dia Nacional de Consciência Negra*** nasceu sob o signo da luta contra a ditadura e em meio ao processo de reorganização dos movimentos sociais, nos anos 70.

Desde o início do século, ativistas e intelectuais do movimento questionavam a imposição do 13 de maio como data para celebrar a liberdade e a "democracia racial". Fiel à tradição de tentar transformar as conquistas do povo em meras concessões, a elite brasileira sempre vendeu a idéia – que sobrevive nos livros didáticos – de que a "abolição" não só tinha sido fruto dos atos de uma "bondosa" princesa, como havia posto um ponto final na história de exploração e opressão do povo negro.

Dentre os muitos que se levantaram contra a farsa, destaca-se o poeta gaúcho Oliveira Silveira, que nos versos de "13 de maio" (veja trecho ao lado) denunciou o caráter de uma abolição "concedida" num momento em que apenas 5% da população negra continuava sob a escravidão, e sem que nada fosse feito para promover a inserção social dos ex-escravos.

> **TREZE DE MAIO**
>
> **"Treze de maio traição,**
> **Liberdade sem asas**
> **E fome sem pão"**
>
> Oliveira Silveira (1970)

Um passo definitivo nessa batalha foi dado em 1978, quando o Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial aprovou um manifesto que afirmava: *"(...) Negamos o 13 de maio de 1888, dia da abolição da escravatura, como um dia de libertação. Por quê? Porque nesse dia foi assinada uma lei que apenas ficou no papel, encobrindo uma situação de dominação em que até hoje o negro se encontra: jogado nas favelas, cortiços, alagados e invasões, empurrado para a marginalidade, a prostituição, a mendicância, os presídios, o desemprego e o subemprego e tendo sobres si, ainda, o peso desumano da violência e repressão policial. Por isso, mantendo o espírito de luta dos quilombos, gritamos contra a situação de exploração a que estamos submetidos, lutando contra o racismo e toda e qualquer forma de opressão existente na sociedade brasileira, e pela mobilização e organização da comunidade, visando uma real emancipação política, econômica, social e cultural"*.

A escolha do 20 de novembro como marco da luta anti-racista expressava uma postura e uma estratégia. Zumbi, Palmares e seus quilombolas devem ser exemplos de que o combate à opressão racial tem que obrigatoriamente se voltar contra o sistema que dela se beneficia.

Essa foi a grande lição de Palmares: ter se transformado em uma "república" que chegou a abrigar cerca de 20 mil pessoas – incluindo índios e outros setores marginalizados – e funcionava em oposição ao sistema colonial (inclusive com coletivização da produção).

E este também deveria ser o caminho dos lutadores anti-racistas de hoje: a organização independente, a aliança com os demais setores oprimidos e explorados da sociedade e o combate ao racismo na sua raiz, o sistema capitalista.

Uma lição que foi seguida por João Cândido, o líder da Revolta da Chibata, e tantos outros lutadores, mas que foi esquecida pela maioria do movimento negro atual, que trocou o caminho da luta pela submissão ao governo Lula e sua lógica neoliberal.

Exatamente por isso, a melhor forma de homenagear Zumbi é reafirmar o mais importante na lembrança do 20 de novembro: a verdadeira libertação dos negros e negras só virá através da luta sem tréguas contra o sistema e todos seus agentes. Uma luta de raça e classe, pelo socialismo.

Essa batalha começa pelo enfrentamento com o governo Lula que, ao se aliar à patronal para aplicar os planos neoliberais, incentiva práticas racistas. Algo que o presidente e seus aliados tentam disfarçar e omitir com discursos populistas, mas que não resiste aos números divulgados pelo próprio governo.

Zumbi dos Palmares

"NEGRO SEM EMPREGO, FICA SEM SOSSEGO"

O verso da canção *Sorriso Negro* não poderia ser mais atual. País afora, negros e negras estão a anos-luz de qualquer coisa que possa ser chamada de igualdade, principalmente quanto ao mercado e às condições de trabalho.

Segundo pesquisa realizada pelo IBGE em setembro, somos a maioria dos desempregados (50,8%) e dos que exercem os trabalhos mais pesados (55,4% dos ocupados na construção civil e 57,8% dos trabalhadores domésticos). Enquanto no setor privado 59,7% dos trabalhadores brancos têm carteira assinada, somente 39,8% dos negros têm acesso a esse direito. O que se reflete na média salarial nacional: R$ 660, quase metade do rendimento médio dos brancos (R$ 1.292).

Na educação, além de os brancos comporem 82,8% dos que têm nível superior completo, a escolaridade média dos negros é de 7,1 anos, contra 8,7 na população branca. E pior: os números também demonstram que o aumento da escolaridade não se traduz, de forma alguma, em redução da exploração de negros e negras.

Ao contrário. A diferença salarial aumenta na medida em que o nível de escolaridade é maior. Entre os trabalhadores com menos de um ano de estudo, os brancos ganham, em média, 15% a mais que os negros; já entre aqueles que têm nível médio, a vantagem sobe para 92%. E o abismo não pára de crescer. Com 11 anos de estudo, um branco ganha em média R$ 1.728, ante R$ 899 pagos a um negro (uma diferença de 149%).

Tais números jogam por terra as ilusões e os argumentos daqueles que acham que o caminho para acabar com o abismo racial é promover a ascensão de negros e negras na sociedade capitalista, algo comum entre lulistas e aliados.

Índices ainda piores podem ser verificados em todas as outras áreas, particularmente quando aplicados às mulheres negras, que têm contra elas o acúmulo do machismo e do racismo.

Há muito se sabe que, em média, uma mulher negra ganha um terço do que é pago aos homens brancos. Mas cabe ressaltar que, mesmo entre as mais exploradas, a diferença persiste: enquanto a renda média de uma empregada doméstica branca é de R$ 405, a de uma negra é de R$ 354 – 12,4% a menos. Quanto ao desemprego, a situação é a mesma: entre 1992 e 2005, o índice de desemprego entre as brancas aumentou em 38,5%; entre as negras houve um salto de 58,0%.

O resultado não poderia ser outro: 66,6% dos negros encontram-se entre os 10% mais pobres do país. Uma situação que praticamente criou "dois Brasis". De acordo com Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) de 2002, estabelecido pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento a partir de quesitos como salário, educação e condições de saneamento e moradia, o Brasil ocupava o 73º lugar.

Quando a mesma pesquisa é aplicada a negros e brancos em separado, abre-se uma distância de 61 posições: a população branca salta para o 44º lugar e a negra despenca para a 105ª posição.

Por essas e muitas outras, as razões do desassossego dos negros não são poucas. Diante de tudo isso, é preciso lembrar de um outro verso do samba de Jorge Portela e Adilson Barbado, imortalizado na voz de Dona Ivone Lara: "negro é a raiz da liberdade". É por se encontrarem entre os mais explorados e oprimidos que negros e negras têm na luta a única saída para sua situação.

> **"Negros que escravizam**
> **e vendem**
> **negros na África**
> **não são meus**
> **irmãos**
>
> **negros senhores**
> **na América**
> **a serviço**
> **do capital**
> **não são meus**
> **irmãos**
>
> **negros**
> **opressores**
> **em qualquer**
> **parte do mundo**
> **não são meus**
> **irmãos**
>
> **Só os negros**
> **oprimidos**
> **escravizados**
> **em luta pela**
> **liberdade**
> **são meus irmãos**
>
> **Para estes tenho**
> **um poema**
> **grande como**
> **o Nilo".**
>
> Solano Trindade, Cantares ao meu povo (1963)

OS GRILHÕES DO CAPITAL

Uma luta que tem no governo federal um de seus maiores inimigos. Desde que assumiu o governo, Lula tem dito que nunca se fez tanto no Brasil em defesa da população negra. Uma farsa digna de ser comparada à idéia de que o 13 de maio significou a libertação definitiva.

Qualquer uma das poucas "migalhas" que o presidente tenha oferecido em troca da cooptação do movimento negro (veja artigo abaixo) desintegra-se perante o fato que faz de Lula, do PT, do PCdoB e dos demais aliados agentes diretos da opressão racial – a submissão ao sistema capitalista.

O líder negro norte-americano Malcolm X teve uma trajetória polêmica na luta contra o racismo, mas ele deixou um ensinamento unânime: *"Não há capitalismo sem racismo"*. Conseqüentemente, não há como combater a opressão racial sem entrar em confronto com a ditadura do capital.

As razões são várias, a começar pela necessidade inerente de um sistema que se baseia na manutenção dos privilégios de alguns poucos, e na miséria de milhões, de manter uma enorme massa de trabalhadores e trabalhadoras desempregados, no mercado de reserva, ou empregados com salários vergonhosos.

A opressão e a marginalização servem ao lucro. Em nome dele os capitalistas utilizam-se das diferenças étnicas e raciais para superexplorar negros, no Brasil; migrantes, na Europa; latinos, nos Estados Unidos, etc.

Algo verdadeiro nos dias de hoje. Se é inquestionável que toda política neoliberal tem como objetivo atacar a classe trabalhadora e a juventude, também é fato que elas têm conseqüências ainda mais desastrosas na vida daqueles que há séculos vivem na marginalidade social.

Cortes de direitos, privatizações, submissão da educação à lógica do mercado, terceirização, precarização do emprego e tudo mais que caracteriza o neoliberalismo (e o governo Lula) têm ampliado o abismo racial pelo mundo.

Algo que ficou claro com as privatizações. Em pesquisa realizada na década de 90 pelo Sindicato dos Bancários de São Paulo, foi verificado que apenas 1% dos trabalhadores do sistema financeiro paulista eram negros. Nos bancos públicos o índice subia para 4%. Uma taxa ridícula, mas que revela uma enorme distorção resultante de uma asquerosa prática dos patrões: nos concursos públicos não é utilizado o critério da "boa aparência". Algo que segue inalterado. De acordo com o Ministério do Trabalho, nos quatro maiores bancos de São Paulo nada menos do que 92% dos funcionários são brancos.

LULA ATACA OS NEGROS, DO PROUNI AO HAITI

Em entrevista à *Folha de S. Paulo* em 18 de novembro, a ministra Matilde Ribeiro, da Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (Seppir), afirmou que dentre as principais políticas para combater a *"sutileza do racismo"* brasileiro estão *"incentivos para o setor privado"*, aliados a políticas sociais como o Bolsa-Família. A declaração dá a exata dimensão das políticas raciais do governo Lula.

Presas à lógica neoliberal e submetidas aos interesses dos novos "companheiros" de Lula (a patronal, os banqueiros e o imperialismo internacional), todas as políticas raciais de Lula são mais que engodos – são verdadeiros ataques.

É o caso do Prouni. Com o dinheiro para o projeto de compra de vagas e isenção de impostos para os donos de escolas privadas (cerca de R$ 900 milhões), Lula poderia dobrar o número de vagas nas universidades federais e promover uma verdadeira política de cotas, com bolsas para garantir a permanência dos estudantes. Mas o que está sendo feito é o oposto.

Inserido na reforma universitária, o Prouni tem um viés elitista e racista: jogar negros e "carentes" em escolas sem qualidade, ajudando seus donos a rechear ainda mais o bolso.

No mercado de trabalho, a história é ainda pior. A reforma da Previdência significou um ataque a todos os trabalhadores, mas atingiu com mais força aqueles que nunca tiveram acesso ao sistema, caso da maioria dos negros.

O mesmo pode ser dito sobre a reforma trabalhista, que está sendo antecipada por meio do Supersimples. O projeto desobriga as micro e pequenas empresas a respeitar direitos básicos, como pagar salários em dia, décimo-terceiro e convênios médicos.

Se implementado, o Supersimples irá atingir mais de 90% das empresas do país e cerca de 60% dos trabalhadores empregados, os quais, como os números do próprio governo indicam, são na maioria negros e negras.

Se isso não bastasse, ao enviar tropas para ocupar o Haiti com objetivo de agradar seu amigo Bush e ganhar pontos com o imperialismo, Lula comete um dos maiores crimes contra a história dos negros. Afinal, a terra ocupada pelos soldados brasileiros e o povo contra qual eles estão atirando são mais do que símbolos da luta contra a opressão racista e colonial. São testemunhos da instalação da primeira república negra americana, conquistada em 1804 após um intenso processo de lutas.

RACISMO SE COMBATE COM LUTAS

Apesar dos ataques, o governo Lula tem a seu lado a maioria do movimento negro – cooptado através de cargos e benefícios ou paralisado, à espera do cumprimento das vagas promessas.

O fato é que muitas dessas entidades há muito tomaram o mesmo rumo da CUT e da UNE e deixaram de servir como instrumentos para a luta anti-racista. Por isso, assim como vem acontecendo nos movimentos sindical e estudantil, é preciso apresentar uma nova alternativa.

Com essa finalidade foi fundada em maio a Coordenação Nacional de Lutas, a Conlutas. Através do Grupo de Trabalho de Negros e Negras, a nova entidade propõe organizar negros e negras para um combate classista e socialista contra o racismo.

O PSTU e particularmente sua Secretaria de Negros e Negras têm dedicado todos seus esforços na construção da Conlutas e na condução, no interior de seus sindicatos e entidades, do debate sobre a questão racial. Para nós, a luta de negros e negras está intimamente ligada à luta dos trabalhadores, daqueles que vivem à margem da sociedade e de todos os oprimidos, como mulheres e homossexuais.

A luta anti-racista é obrigatoriamente contra o sistema. O colonial, na época de Zumbi. O capitalista, em nosso tempo. Algo que o genial poeta negro Solano Trindade soube traduzir numa poesia que, a depender de nós, jamais será esquecida.

OPOSIÇÃO DISPUTA SINDICATO DA BAIXADA FLUMINENSE

CAMPANHA da chapa cresce nos bancos a poucos dias das eleições

DA REDAÇÃO

A traição feita pela Contraf/CUT (Confederação Nacional dos Trabalhadores no Ramo Financeiro), junto com a grande maioria das direções dos sindicatos de bancários em todo o país, capitaneadas pela *Articulação Sindical*, não está passando despercebida. O profundo desgaste sofrido pelas direções ligadas à CUT é o que transparece, por exemplo, nas eleições do Sindicato dos Bancários da Baixada Fluminense, no Rio de Janeiro, que ocorrem nos dias 28, 29 e 30 de novembro. A entidade representa cerca de 2 mil trabalhadores dos municípios da região.

Duas chapas disputam a direção do sindicato para o próximo período. A chapa 1, da CUT, composta por sindicalistas do PT e PSB, e a chapa 2, da Oposição Bancária, apoiada pela Conlutas e formada por militantes do **PSTU** e independentes.

"A campanha da oposição enfoca o balanço das últimas campanhas salariais, especialmente a última, quando tivemos uma grande traição da Contraf/CUT, que bloqueou o crescimento da greve dos bancários para beneficiar os banqueiros", afirma Jéferson Romano, diretor do sindicato pela oposição. O dirigente, inclusive, foi vítima do recente processo de perseguição aos diretores sindicais da oposição, quando teve cassada a sua liberação sindical.

Jéferson Romano, da chapa 2

OPOSIÇÃO BANCÁRIA CHAPA 2

A campanha da chapa da Conlutas cresce à medida que aprofunda-se o desgaste da CUT e da maioria da direção do sindicato, que conquistaram apenas 3,5% de reajuste salarial. Isso possibilita uma grande receptividade, principalmente nos bancos públicos. Mesmo nos bancos privados o impacto é maior que em outras regiões do país. Em Nova Iguaçu, maior município da Baixada, a oposição conta com grande apoio. *"A chapa tem grande inserção em praticamente todos os bancos"*, explica Jéferson.

Já a campanha da chapa cutista centra fogo na questão da unidade. Porém, a unidade que propaga é o atrelamento àquelas mesmas direções que bloquearam e traíram as últimas campanhas salariais da categoria. Além disso, faz propaganda do assistencialismo do sindicato e realiza eventos, como churrascos.

Como se isso não bastasse, por baixo dos panos a chapa da CUT realiza uma sórdida campanha baseada em falsas denúncias e ataques morais contra integrantes da oposição. Além de diversas irregularidades no processo eleitoral. Até duas semanas antes da eleição, a chapa 2 não havia tido acesso à lista de associados ao sindicato.

Como não poderia deixar de ser em se tratando de uma corrente ligada aos recentes escândalos de corrupção, com Berzoini e os "aloprados" à frente, a chapa da CUT vem se desmoralizando na base, abrindo um enorme espaço para o crescimento da Oposição Bancária e da Conlutas na categoria.

MORADIA

SEM-TETO DO PINHEIRINHO PROMETEM RESISTIR À DERRUBADA DE CASAS

MORADORES PERCORREM AS RUAS de São José dos Campos, reúnem-se com movimentos sociais e preparam novas ações. Prefeitura e PM ameaçam derrubar as casas a qualquer momento

DA REDAÇÃO*

As famílias do acampamento Pinheirinho continuam ameaçadas pelo prefeito de São José dos Campos (SP), Eduardo Cury (PSDB), que tenta retirá-los do local a todo custo. Com quase três anos de ocupação, a serem completados em fevereiro de 2007, o local abriga cerca de 1.200 famílias e tornou-se um novo bairro da cidade. A luta desses anos já garantiu várias conquistas, como a garantia do fornecimento de água e esgoto aos moradores.

Depois de várias tentativas frustradas, o prefeito tucano tenta mais uma vez a derrubada das casas. Ele ameaça enviar a Polícia Militar ao local ainda em novembro, para devolver o terreno ao megaespeculador Naji Nahas, que abandonou a área e deve mais de R$ 5 milhões em impostos.

RESISTÊNCIA

Enquanto os advogados dos sem-teto recorrem da decisão, os moradores preparam a luta. Placas e faixas anunciando a resistência à ordem de derrubada das casas são visíveis durante toda a extensão da ocupação. Assembléias internas também elaboram estratégias a serem utilizadas contra a ação da Tropa de Choque da PM.

Ao mesmo tempo em que se preparam, os sem-teto têm tomado iniciativas para buscar a solidariedade da população e de movimentos sociais de todo o país. No dia 9 de novembro, cerca de duas mil pessoas deixaram o acampamento e realizaram uma passeata de sete horas pelas principais ruas da cidade, em um trajeto de mais de 15 quilômetros.

O último passo da campanha ocorreu no dia 15, em uma reunião com ativistas de alguns dos principais movimentos sociais do país, como MTL (Movimento Terra, Trabalho e Liberdade), MTST (Movimento dos Trabalhadores Sem Teto), MPRA (Movimento Popular pela Reforma Agrária) dos estados de São Paulo e Minas Gerais, além do MUST (Movimento Urbano dos Sem Teto), que dirige a ocupação em São José. A reunião aprovou um calendário de luta, que terá início com uma nova marcha nesta semana. *"A reunião foi muito importante, pois cada um conheceu o trabalho desenvolvido por seu movimento. Os representantes dos diversos movimentos ficaram por dentro dos ataques que estamos sofrendo aqui e eles sugeriram a marcha, para unificarmos nossa luta"*, disse Valdir Martins de Souza, o *Marrom*, um dos dirigentes do Pinheirinho.

MANUEL PEREIRA / SINDMETALSJC

Marcha dos sem-teto no dia 9 de novembro

(*) Com informações do Sindicato dos Metalúrgicos de São José dos Campos e Região

A DITADURA SOB O OLHAR DE UMA CRIANÇA

YARA FERNANDES,
da redação

Ver a ditadura militar sob os olhos de uma criança é como observá-la pela primeira vez, ainda que este período histórico tenha sido tema recorrente no cinema, e que muitos espectadores o tenham vivido. É o garoto Mauro (Michel Joelsas), de passagem da infância para a adolescência, que nos leva para seu universo em "O ano em que meus pais saíram de férias", filme de Cao Hamburger em cartaz nos cinemas brasileiros.

Enquanto Mauro sonha com a vitória do Brasil na Copa do Mundo de 1970, reproduzindo tais sonhos nos seus jogadores de botão, seus pais de esquerda precisam se esconder do regime militar. Eles moram em Minas Gerais e a situação força Bia (Simone Spoladore) e Daniel Stein (Eduardo Moreira) a "saírem de férias" e deixarem o garoto com o avô em São Paulo, que, entretanto, morria naquele mesmo dia.

O bairro paulistano do Bom Retiro é habitado por judeus, italianos e descendentes. Mauro, que foi deixado com a mala na porta do prédio, não consegue avisar os pais sobre a morte do avô e acaba sendo provisoriamente hospedado, um pouco a contragosto, pelo vizinho Shlomo (Germano Haiut). O choque e o encontro entre gerações e culturas distintas é uma das características que marcam o período que se segue na vida do garoto.

VIDA DE GOLEIRO

Inicialmente, o filme se chamaria "Vida de Goleiro". Mais do que explicitar de maneira ímpar a utilização do futebol pelo regime militar como elemento pacificador da população e de propaganda da ditadura, o filme também conecta a solidão e a responsabilidade que têm tanto o goleiro de um time quanto o personagem principal.

Mauro passa dias ao lado do telefone aguardando um sinal de seus pais. Passa horas na janela do apartamento na esperança de que um fusca azul vire a esquina e se aproxime do prédio. O pai prometera voltar a tempo de assistir aos jogos da Copa com ele. Com isso, as comemorações ao final de cada partida misturam-se ao vazio da ausência. Da mesma forma, os gritos de todos os torcedores do país mesclam-se ao nó na garganta produzido pelo contexto político da repressão daqueles tempos. Assim, o filme trabalha com maestria um tema já presente em obras como "Pra Frente, Brasil" (1982), de Roberto Farias.

Para Mauro também se confundem a tristeza pela ausência dos pais e as alegrias e aventuras do futebol com os meninos da rua, as espiadelas no buraco da parede do provador feminino da loja, o olhar encantado e curioso dele sobre os objetos do avô, a expectativa de completar o álbum de figurinhas com todos os craques. A cena das crianças dançando euforicamente ao som de "Eu sou terrível", de Roberto Carlos, sob os olhos estupefatos dos senhores mais velhos da festa judaica diverte e aponta o contraste de gerações. A amizade com Hanna (Daniela Piepszyk), garota que mora no mesmo prédio, assim como a deliciosa disputa pelos olhares (principalmente de Mauro) da moça mais bonita do bairro, também mostram a sensibilidade inocente da trama.

OLHAR INFANTIL

A narrativa ocorre através do olhar de uma criança, mas não se torna didática, não repete o óbvio. É um filme de poucas palavras e muitas imagens. Usa o conhecimento e a identificação que o espectador tem sobre o tema para falar da clandestinidade, dos protestos, das pichações anti-regime. Diz, apenas com os olhares das crianças, muito do que conta a história. Logo no início, a cena do garoto dentro do carro observando sua chegada a São Paulo, com as imagens da capital refletindo-se no vidro, trazem um pouco desse sentimento de novo, de curiosidade, do primeiro olhar perplexo diante do mundo que é preciso resgatar nos adultos.

A idéia de enxergar a ditadura militar sob o ponto de vista de uma criança no cinema não é inédita. O filme argentino "Kamchatka" (2002), de Marcelo Piñeyro, também narra as memórias de um garoto que se vê obrigado a abandonar sua rotina e ir para uma fazenda durante o exílio de seus pais na época da ditadura. O chileno "Machuca" (2004), de Andrés Wood, também segue o mesmo caminho, mostrando a visão de dois garotos, um rico e outro pobre, sobre o contexto conturbado que vivia o país entre o final do governo de Salvador Allende e o início da ditadura de Augusto Pinochet.

Mas há muito da própria história do diretor Cao Hamburger no filme. Na infância, ele viu o pai judeu e a mãe católica serem presos pela ditadura. Também era goleiro nas peladas de sua infância. O período em que esteve na direção da série de TV Castelo Rá-Tim-Bum, e do longa homônimo de 1995, deram ao diretor um enorme talento e experiência na direção de crianças. Apesar disso, esse novo filme tem a peculiaridade de não ser uma obra infantil.

Ao captar o olhar da criança sobre a ditadura militar brasileira e contrastar tão bem os acontecimentos deste período com a euforia da Copa do Mundo, Hamburger faz um grande filme nacional, cativa o público e traz à tona memórias das mais tristes às mais divertidas, de um tempo e de uma paixão que o espectador tenha ou não vivido...

UMA MORTE NOSSA...

PETER FRYER, O CRONISTA DA REVOLUÇÃO HÚNGARA

ROBERTO BARROS, da redação

No dia 31 de outubro morreu, aos 79 anos, o jornalista revolucionário e escritor socialista inglês Peter Fryer, o qual se destacou, dentre outras coisas, por ter sido enviado à Revolução Húngara de 1956. Sua morte ocorreu – por uma enorme coincidência – justamente no aniversário de 50 anos dessa grande revolução proletária que sacudiu a burocracia stalinista. Peter Fryer, de origem social operária, nasceu em 18 de fevereiro de 1927. Inicialmente anarquista, Fryer aproximou-se definitivamente do Partido Comunista Britânico durante a Segunda Guerra Mundial, e juntou-se à equipe do jornal *Daily Worker* – órgão oficial do PC.

Em outubro de 1956 foi enviado à Hungria para cobrir a revolução política contra a burocracia stalinista e a dominação da URSS sobre o país. Os informes enviados, que incluíam a brutal repressão das tropas russas sobre as massas húngaras, foram censurados ou diretamente suprimidos pela direção stalinista do partido. Foi expulso primeiro do jornal e depois do PC inglês, *"por publicar na imprensa burguesa ataques ao partido comunista"* – nas palavras de seus detratores. Seu livro, "A Tragédia da Hungria", foi escrito com base em vários daqueles artigos e foi publicado pouco tempo após o término da revolução, constituindo registro fundamental desta revolução política, operária e popular, contra a ditadura stalinista.

A DENÚNCIA DO CRIME STALINISTA

Os informes de Fryer colocaram-se contra a linha oficial do PC, que caracterizava a insurreição húngara como uma mera contra-revolução, reacionária e fascista. Sobre a revolução que presenciou, Fryer afirmou que *"não era nem organizada, nem controlada por fascistas ou reacionários, mas pelo povo comum da Hungria: operários, camponeses, estudantes e soldados"*.

Na verdade, Fryer relatou os fatos tal como os encontrou: nem mais, nem menos. Já tinha coberto os prelúdios embrionários da insurreição húngara para o jornal e, após o discurso secreto de Khrushchev em 1956, expôs algumas das abomináveis realidades do domínio de Stálin. Mas agora se viu diretamente confrontado nas ruas da Hungria com os Conselhos Populares (soviets) "anti-soviéticos" – na verdade, anti-stalinistas –, e com os corpos de trabalhadores revolucionários ao chão, metralhados pelas mesmas autoridades que se reivindicavam "comunistas".

A descrição de Fryer dos sovietes húngaros – ressaltados por sua *"notável semelhança, em muitos aspectos, aos conselhos de operários que surgiram na Rússia durante as revoluções de 1905 e 1917"* – é vívida e rigorosa: *"Estes comitês, que se estenderam em cadeia por toda a Hungria, desde o começo se mostraram órgãos da insurreição – reunindo os delegados eleitos em fábricas, universidades, minas e unidades do exército e órgãos de auto-governo popular, que gozavam de ampla confiança do povo armado. Como tais, tinham tremenda autoridade, e não é exagero afirmar que até o ataque soviético de 4 de novembro o poder real do país estava em suas mãos"*. Fryer estava em Budapeste quando os russos lançaram – durante quatro dias e quatro noites ininterruptos – bombardeios que deixaram vastas zonas da cidade, sobretudo os bairros operários, praticamente em ruínas.

UM TESTEMUNHO HISTÓRICO

"Nenhuma nação pode ser livre se oprime as outras". Essas palavras de Lenin serviram como advertência sobre os desvios grão-russos e nacional-chauvinistas de Stálin que se confirmaram totalmente. Desde o fim da Segunda Guerra, nas chamadas "democracias populares" (no Leste Europeu) ocupadas pelo Exército Vermelho, houve a expropriação da burguesia, mas surgiram regimes totalmente deformados, controlados diretamente pela burocracia de Moscou.

Logo após a morte de Stálin e depois de uma greve operária em Berlim Oriental, em 1953, contra a burocracia stalinista, a Hungria protagonizou sua revolução política, não só contra a opressão que exercia a URSS, mas também contra a burocracia húngara.

Embora a revolução tenha sido esmagada pelos tanques soviéticos, ela foi o estopim da revolução política nos países do Leste Europeu, como se deu posteriormente na Tchecoslováquia (1968) e na Polônia (1980), sendo o início da crise mundial do stalinismo.

(*) Com a colaboração de Martin Ralph, de Liverpool, Inglaterra.

"Peter falou aos mineiros em inglês, idioma dos donos e gerentes das minas"

EDUARDO ALMEIDA, da redação, e **JOSEPH WEIL**, da revista Marxismo Vivo *

Peter Fryer já era um jornalista e escritor trotskista experiente e consagrado em 1986, quando esteve no Brasil, e depois em viagem por outros países da América Latina, para conhecer as seções da Liga Internacional dos Trabalhadores (LIT-QI) de Argentina, Bolívia, Peru e Colômbia. Fryer viajou ao Brasil a partir de um relacionamento estabelecido, naquele momento, pela corrente do WRP inglês e a **LIT-QI**.

A partir dos relatos dessa viagem, ele produziu o livro *"Crocodiles in the Streets: a report on Latin America"* (*"Crocodilos nas Ruas: um relato sobre a América Latina"*) – ironia que traduz como a maioria dos europeus e norte-americanos imagina os países da região.

O internacionalismo proletário e os possíveis laços com o movimento trotskista na América Latina, bem como seus interesses pessoais – sua filha casara-se com um brasileiro –, levaram-no a realizar a viagem.

Convidamos Fryer a conhecer algumas cidades de Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro. Seu interesse não eram as "exóticas paisagens tropicais" do Brasil, mas sim a genuína intenção de conhecer a experiência e organização do movimento operário brasileiro, em particular os setores mais explorados e lutadores e – em especial – as frentes de trabalho da então *Convergência Socialista* (principal corrente formadora do **PSTU**) neste movimento. O jornalista esteve com os trabalhadores das minas de ouro da cidade de Nova Lima (MG), exploradas por uma multinacional de origem sul-africana. Ali Fryer falou, emocionado, para uma assembléia de mineiros. A mesma categoria havia protagonizado uma grande greve nos anos anteriores, na terra natal de Fryer, medindo forças com o governo de Margaret Tatcher. Ele discursou em apoio aos mineiros em inglês, idioma usado pelos donos e gerentes das minas. Uma experiência inédita para os trabalhadores.

Ele também foi ao Rio de Janeiro – conhecendo tanto os bancários da capital, quanto os trabalhadores da Baixada Fluminense – e passou também por São Paulo. Na Baixada Fluminense, visitou sua filha que morava no Brasil, casada com um trabalhador fluminense, o qual só nessa viagem pôde conhecer pessoalmente.

Como gostava de dizer Nahuel Moreno – dirigente trotskista e fundador da **LIT-QI** –, é um "tipo humano" que irá deixar saudades.

...E OUTRA DELES

MILTON FRIEDMAN E A DEFESA DO (NEO) LIBERALISMO

GILBERTO MARQUES,
de Belém (PA)

Milton Friedman era o mais conhecido e influente representante vivo do liberalismo econômico. Sua morte em 16 de novembro, aos 94 anos, não significará o fim desta corrente de pensamento, mas ocorre num momento em que as políticas neoliberais têm sido muito questionadas.

O liberalismo não é um fenômeno novo. No século 18, Adam Smith elaborou a teoria que sustentaria o movimento. Antes dele os fisiocratas já haviam levantado a palavra de ordem do liberalismo: *laissez-faire*, ou seja, liberdade para produzir, liberdade para o mercado. Na política, o liberalismo também já se fazia presente com o próprio Smith e outros autores, como Thomas Hobbes e John Locke, pela exaltação ao individualismo.

Smith afirmou que se deixássemos o mercado livre, sem interferências do Estado, ele caminharia, como que conduzido por uma imensa mão invisível, rumo ao melhor nível de bem-estar econômico e social. Posteriormente, David Ricardo, no século 19, levou a defesa do liberalismo ao plano internacional ao afirmar que, se os países se especializassem em determinados produtos e liberassem o comércio internacional, todos sairiam ganhando.

Karl Marx, partindo de Smith e Ricardo, criticou a economia burguesa e o liberalismo, estendendo à luta de classes a compreensão de que é o trabalho que produz riqueza. Com isso demonstrou que os trabalhadores são explorados pela burguesia.

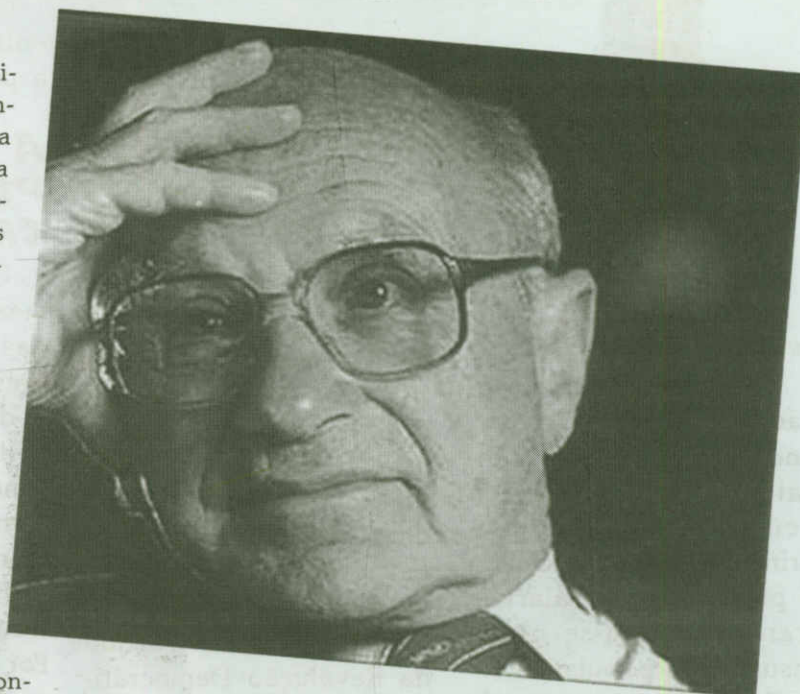
As idéias de Marx geraram muita inquietação no meio da teoria econômica dominante, de modo que se desenvolveu uma nova corrente que nega a teoria do valor-trabalho e retoma a defesa do liberalismo. Esta escola (neoclássicos ou utilitaristas) teve muita influência na economia do final do século 19 e início do século seguinte. O grande problema a combater era o excesso de intervenção do Estado na economia.

Mas com a Grande Depressão, após a queda da Bolsa de Nova York em 1929, o liberalismo ficou fragilizado e ganhou influência a corrente que, ainda que no campo da teoria econômica burguesa, defendia uma intervenção efetiva do Estado na economia para retomar o crescimento econômico. Este movimento, o keynesianismo, manteve-se com grande aceitação enquanto a sua fórmula dava certo e os "anos dourados" do capitalismo presenciavam expansão da economia. Porém, a década de 1970 foi marcada pela crise da economia internacional e o liberalismo novamente ganhou força.

FRIEDMAN E A RETOMADA DO LIBERALISMO

O livre mercado é a melhor forma de enriquecimento dos indivíduos. Esta era a convicção de Friedman e da Escola de Chicago, da qual fazia parte. Intransigente defensor da não-intervenção estatal na economia, ele também defendeu a adoção de taxas de câmbio totalmente flexíveis no mercado internacional, ou seja, o livre mercado entre as nações.

Com o Prêmio Nobel de Economia que ele ganhou em 1976, fortaleceu-se a corrente liberal conhecida como monetarismo, que busca um controle da emissão de moedas como condição necessária e determinante para minimizar a inflação e conseguir crescimento econômico. Daí decorre a adoção de diversos instrumentos de política econômica, entre os quais a elevação de juros para conter a inflação. O monetarismo minimiza o papel do investimento e afirma ser possível manter a estabilidade da economia apenas com controle monetário e liberdade de mercado.

Friedman influenciou diversos governos desde Richard Nixon (EUA, 1969-1974) até Margareth Thatcher (Grã-Bretanha, 1979-1990) e Ronald Reagan (EUA, 1981-1989), do qual foi conselheiro. Os dois últimos abriram a fase do neoliberalismo e construíram as bases para o Consenso de Washington (receituário de medidas neoliberais). George W. Bush lamentou a morte de Friedman afirmando que seu trabalho melhorou a estabilidade econômica e o nível de vida em muitos países. Mais que isso: ele *"foi um pensador revolucionário que fez com que a dignidade e a liberdade humanas avançassem"*. Será?

A influência de Friedman lamentavelmente não se restringiu aos EUA. Apesar de teoricamente defensor das liberdades econômicas e individuais, ele foi conselheiro do ditador Pinochet no Chile e muitas de suas idéias foram adotadas por Delfim Netto, quando ministro da Fazenda, durante a ditadura militar brasileira.

Com o avanço do neoliberalismo nos anos 1980 e 1990, os governos da América Latina abriram suas economias, desregulamentaram o câmbio e outros instrumentos de proteção de suas economias, privatizaram o patrimônio estatal de forma escandalosa e retiraram direitos históricos de seus trabalhadores, tudo isso conduzido e aplaudido pelo FMI e por governos imperialistas.

O resultado foi o aprofundamento da crise econômica latino-americana e a ocorrência de verdadeiras insurreições populares.

Isso fez, e ainda faz, com que diversos governos fossem substituídos por outros não identificados com o neoliberalismo e tidos como de esquerda. Infelizmente, tais governos não conseguiram e não se propuseram a romper o pilar central da economia burguesa, a propriedade privada dos grandes meios de produção, não conseguiram sequer negar a fundo o próprio liberalismo. Este é o caso do governo Lula no Brasil.

Eleito na esperança de mudar o país, o governo do PT manteve todos os postulados da política monetarista e entreguista de FHC e acabou por reproduzir todos os seus ataques, inclusive o roubo do dinheiro público. Um fato exemplar é a possibilidade de Delfim Neto assumir um ministério ou outro posto de destaque no segundo mandato lulista.

A não-intervenção do Estado na economia é um mito defendido pelos guias da economia burguesa. Não existe uma economia em que o Estado não tenha que se fazer presente. O liberalismo internacional só tem como resultado a manutenção dos países subdesenvolvidos na condição de pobres e subordinados às nações ricas. A presença dos EUA, de países europeus e do Japão em suas economias é muito maior que a presença dos países latinos.

Aprendamos com a nossa própria história recente. A industrialização brasileira, sem fazer apologia, só foi possível porque o Estado brasileiro assumiu para si as principais tarefas, financiando, construindo a infra-estrutura e, inclusive, montando estatais para garantir a produção pesada.

Thatcher
Bush
Reagan
Delfim Neto
Friedman

MÉXICO REBELDE

UMA SITUAÇÃO POLÍTICA e social explosiva e uma imensa crise institucional varrem o país

BRUNO SANCHEZ, de São Paulo

O processo mais avançado se dá em Oaxaca, onde uma greve do sindicato de professores e a ocupação do Zócalo – principal praça da cidade – por reajustes salariais transformaram-se numa insurreição popular.

Em junho, o governo de Ulises Ruiz Ortiz, do PRI (Partido Revolucionário Institucional), tentou desalojar violentamente o acampamento com ajuda da polícia estadual. Em resposta, milhares de trabalhadores, camponeses, estudantes e a população dos bairros pobres da cidade solidarizaram-se com os professores. A realização de um massivo levante popular derrotou o governo.

Na ocasião, Ulises ficou paralisado. A população, por sua vez, organizou a APPO (Assembléia Popular dos Povos de Oaxaca) que se transformou, de fato, em um poder paralelo e levantou a bandeira do "fora Ulises". Desde então, o governador organizou uma série de provocações com bandos que resultaram numa intervenção armada em Oaxaca e na morte do jornalista norte-americano Brad Will, além do desaparecimento de dezenas de pessoas.

O governo federal de Vicente Fox entrou em ação e enviou a Polícia Federal Preventiva (PFP), criada com objetivo de reprimir conflitos sociais, para invadir a cidade no dia 27 de outubro. Apesar de ocupar a praça, a repressão não conseguiu desmobilizar a APPO. No dia 2, a população repeliu a ofensiva da polícia e a impediu a tomada da Universidade Benito Juarez, ocupada por estudantes e trabalhadores.

O governo Fox vacilou durante meses em intervir em Oaxaca e "nacionalizar" o conflito. Isso porque temia repercussões negativas durante a batalha eleitoral entre o candidato presidencial de seu partido, Felipe Calderón, e o opositor Andrés López Obrador, do PRD (Partido da Revolução Democrática). Após as eleições também encontrou dificuldade para esmagar a mobilização, pois o governo viu-se diante de uma profunda crise institucional, iniciada após as denúncias de fraude nas eleições presidenciais. O governo federal então resolveu esperar mais um pouco e, uma vez anunciada a "vitória" do candidato governista, resolveu intervir em Oaxaca.

CONGRESSO DA APPO

No último dia 15, a APPO realizou um congresso que reuniu mais de duas mil pessoas e aprovou a manutenção do "fora Ulises". O congresso confirmou a existência de uma ampla vanguarda combativa que sustentou a luta contra a PFP. Entre as principais resoluções aprovadas está a formação de um Conselho Popular com 260 pessoas.

O congresso também aprovou um plano de ação para recuperar o centro de Oaxaca e obrigar a PFP a abandonar a região. A data de retomada das mobilizações é o próximo dia 25, mas já no dia 20 foram registrados confrontos entre ativistas da APPO e a polícia.

A OUTRA PONTA DA CRISE

O outro lado da crise mexicana começou depois das fraudulentas eleições presidenciais realizadas em 2 de julho e que deram a "vitória" para Calderón, candidato da direita tradicional e do governista PAN (Partido da Ação Nacional).

Há um vasto histórico de fraudes eleitorais no país. Por mais de 70 anos o PRI manteve-se no poder em função desse mecanismo. Desta vez, as fraudes foram denunciadas pelo candidato opositor López Obrador. De julho a 14 de setembro a capital mexicana foi tomada por bloqueios de ruas e avenidas, um acampamento na principal praça e protestos que reuniram milhões em protestos contra a fraude.

Mesmo com o país dividido, a justiça eleitoral decidiu "reconhecer" a vitória de Calderón. Desde então Obrador, que tinha convocado os protestos anteriores, resolveu não chamar nenhuma manifestação pública. Apenas no dia 20 de novembro – aniversário da Revolução Mexicana de 1910 – o oposicionista convocou um gran- de ato para "tomar posse no seu governo paralelo".

No próximo dia 30, Calderón tomará posse como presidente e sucederá seu colega de partido Vicente Fox. Para a ocasião, a direção do oposicionista PRD não está convocando nenhuma mobilização, bloqueios de ruas ou assembléias.

Frente a uma total ilegitimidade, o governo Calderón certamente será muito mais frágil e terá margem de manobra ainda mais reduzida em relação a Fox. Isso não significa, porém, que Calderón vá abandonar sua política de tentar acabar com as mobilizações de Oaxaca com sangue e repressão.

O conservador tentará realizar um governo a serviço dos patrões e dos interesses dos Estados Unidos – país com o qual tem total sintonia, inclusive sobre o tema da imigração de mexicanos para o vizinho do norte.

SITUAÇÃO REVOLUCIONÁRIA

O sentimento de mudança no México tem particular relevância depois do fim da ditadura civil do PRI. Por mais de 70 anos, esse partido esteve no poder. Nos anos 80 e 90, o PRI adotou a política neoliberal imposta pelos EUA, privatizou a grande maioria das empresas estatais e acabou com a reforma agrária e com direitos dos camponeses conquistados na Revolução de 1910.

O regime ditatorial do PRI acabou em 2000, quando o partido perdeu as eleições presidenciais para o PAN, que se tornou a nova opção política da burguesia mexicana e do imperialismo frente à decadência do PRI. O PAN apelou para a mesma fraude eleitoral e reprimiu violentamente os trabalhadores para defender os interesses dos grandes burgueses mexicanos e do imperialismo.

É preciso seguir na luta e não dar trégua aos governos do PAN e do PRI. As mobilizações massivas devem se estender por todo o país.

López Obrador condenou a repressão em Oaxaca e sua ocupação por forças federais, e exigiu a renúncia de Ulises Ruiz. Mas é preciso sair do terreno das intenções e ir para a ação. Obrador é hoje o principal dirigente de massas do país, com grande influência política. É sua obrigação convocar manifestações contra a repressão em Oaxaca.

Ao mesmo tempo, os ativistas e movimentos sociais do mundo inteiro devem prestar a mais ampla solidariedade internacional com o povo de Oaxaca e repudiar a repressão do governo.

APPO